

REPRESENTAÇÕES EM IMAGENS EQUIVALENTES¹

Cláudia Albuquerque de Lima.

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profa. do Curso de Turismo da Universidade Integrada do Recife (FIR)

E-mail: alblima@hotmail.com

Nerivanha Maria Bezerra da Silva

Doutora em Fotografia pela Faculdade de Bellas Artes, Universidade de Barcelona,

Profa. do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: nerivanha@ig.com.br

Resumo

Estudo experimental que busca desenvolver a aplicabilidade da teoria de Representação Social e do Conceito de Equivalência - no processo de criação de imagens fotográficas representativas da realidade de indivíduos da comunidade de Mandacaru no distrito rural de Gravatá (PE). Para verificar as hipóteses levantadas, fomos buscar nas áreas de imagem e linguagem fotográfica, na Teoria da Representação Social de Moscovici e na metodologia de Equivalência desenvolvida por Nerivanha Bezerra, o embasamento teórico deste estudo. Ao concluir nossa pesquisa, verificamos que a comunidade não apresenta dificuldade em expressar-se através da imagem fotográfica, e acreditamos que a fotografia deva ser usada como ferramenta potencial para a expressão da representação social, e estimulado o seu uso entre estas populações.

Introdução

Com o principal objetivo de otimizar o uso da fotografia como recurso de comunicação e como suporte de expressão da representação social, partimos da preocupação de analisar o discurso dos indivíduos da comunidade sobre a sua realidade e a forma como as imagens fotográficas podem facilitar a representação social desta realidade. Para otimizar o uso da fotografia como recurso de comunicação e como suporte de expressão da representação social na comunidade de Mandacaru, desenvolvemos um estudo cuja metodologia foi estruturada em etapas que permitiram que os indivíduos de Mandacaru refletissem e expressassem a representação social da realidade através de discurso oral e de fotografia.

Na busca de respostas para as questões da representação social destes indivíduos em imagem, procuramos identificar como a comunidade de Mandacaru se vê e se representa. Tivemos acesso ao objeto de pesquisa através do discurso dos participantes, das imagens fotográficas realizadas por eles e da interpretação destas pelos moradores da comunidade.

¹ Dissertação apresentada em dezembro de 2001 ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Profa. Dra. Nerivanha Maria Bezerra da Silva.

Esta pesquisa foi dividida em cinco capítulos, nos quais discutimos os temas que nortearam nossas preocupações ao abordar a fotografia como um instrumento de comunicação de massa capaz de permitir ao indivíduo a representação de sua realidade em imagem. Ao longo da Fundamentação Teórica enunciamos os principais conceitos (Imagem, Realidade, Real, Senso Comum, Concepção de mundo, Representação Social) que se relacionam ao estudo sobre a representação da realidade da comunidade de Mandacaru através da imagem fotográfica, e que servem de embasamento às hipóteses levantadas pelo nosso problema de pesquisa. A Linguagem fotográfica, tratada por Philippe Dubois e Sylvia Maresca, nos direcionou a pensar sobre a expressão do conteúdo de uma fotografia e a conseqüente retratação da realidade por meio dela.

Como esta é uma dissertação que tem como preocupação o estabelecimento do vínculo entre a imagem e a representação social dos indivíduos da comunidade de Mandacaru, discutimos sobre como estes indivíduos se vêem representados, qual o discurso que eles têm sobre a sua realidade e até que ponto as imagens fotográficas podem facilitar a expressão e a representação desta realidade.

Para estimular a criação de imagens por esses indivíduos utilizamos a metodologia da Equivalência, criada pela Professora Nerivanha Bezerra, como método de ensino da fotografia com alunos de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, que se adequou a nossa proposta por ser um processo de reflexão sobre a realidade a partir de:

- histórias pessoais dos indivíduos da comunidade;
- criação da imagem e da expressão da representação social;
- leitura e interpretação do conteúdo da imagem fotográfica;

Representação Social

As formas de representação e de expressão das sociedades são formadas a partir do senso comum e estes, por sua vez, são gerados pelos fenômenos sociais, como as conversações e outras circunstâncias como as ciências, as religiões, e as ideologias. Neste momento, é importante que fique claro que as representações e os saberes se definem também pela forma de expressão da vida de uma comunidade e de articulação da vida coletiva e dos processos de lutas que dão sentido ao mundo. Por isso é importante que os indivíduos entendam e encontrem o seu lugar na sociedade através de uma identidade social.

As representações são formadas quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades. Portanto há na comunicação e nas práticas sociais como processos que resultam nas representações sociais.

Como símbolos construídos coletivamente por uma sociedade, as representações sociais, são explicadas através de termos como idéias, espírito, concepções, mentalidade, nascendo daí a noção de visão de mundo. Para se manter, cada sociedade necessita ter concepções de mundo 'abrangentes e unitárias', como o modo de encarar o tempo, o espaço, o trabalho, a riqueza, o sexo, os papéis sociais, etc. Para chegar a tal concepção é fundamental a exteriorização das idéias e das diferentes visões, portanto, é neste momento que as sociedades chegam ao processo de representação da realidade.

Representações sociais são para Moscovici “Categorias de pensamento através das quais determinada sociedade elabora, expressa, explica, justifica ou questiona a sua realidade.

É a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento”. Já para Jodelet é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada em que o objetivo final é a construção de uma realidade comum.

As Representações sociais são usadas para auxiliar na comunicação entre os membros de uma comunidade propondo-lhes um código para as suas trocas e um código para nomear e classificar de maneira unívoca as partes do seu mundo, de sua história individual ou coletiva (GUARESHI,1995).

Jodelet (JODELET, 1991) entende as representações sociais como uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada em que o objetivo final é a construção de uma realidade comum, elaborou características que são cruciais para avaliarmos a construção do discurso das sociedades através da imagem fotográfica e, em particular, para melhor explicar o conceito de Equivalência que adotamos neste estudo:

“O aspecto referencial da representação, quer dizer, o fato de que elas sempre são a referência de alguém para alguma coisa; o caráter imaginativo e construtivo, que a faz autônoma e criativa; e finalmente sua natureza social, o fato de que os elementos que estruturam a representação advêm de uma cultura comum e estes elementos são aqueles da linguagem” (GUARESCI, 1995: 76).

A partir da análise destes autores, podemos dizer que as representações sociais são conjuntos de idéias, imagens, senso comum, concepções, visão de mundo e formulações construídas pelos atores sociais sobre a realidade no âmbito de práticas sociais diversas em um tempo e espaços determinados. E são veiculadas pelos discursos das pessoas e grupos, pelos seus comportamentos e através das práticas sociais, e ainda pelos documentos e registros em que os discursos, práticas e comportamentos são codificados.

Entendemos a forma de conceber a realidade como uma característica inerente às representações sociais, sendo estas produtos da construção social da realidade. As representações podem ser analisadas a partir da compreensão do discurso sobre a realidade dos seres sociais, manifestadas através de palavras, sentimentos e condutas.

Através delas os seres sociais fazem sua própria definição de situação da realidade, de acordo com sua história de vida e com o senso comum, o que irá permitir a identificação de grupos e a estruturação de relevâncias comuns. Como os indivíduos de um grupo conversam sobre os mesmos objetos, em inúmeros contatos interpessoais, e em pequenos grupos, observa-se que é nas conversações cotidianas que as representações são construídas. E para se expressar, a sociedade utiliza a arte, a ciência, a linguagem, como forma de conhecimento e de interação social.

Imagem da realidade

Para uma discussão sobre a construção da concepção da realidade procuramos avaliar a compreensão e o sentido da representação a partir de elementos de comunicações presentes no discurso oral e na expressão através da fotografia.

O desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação, o poder dos fluxos de informação, das finanças, e das mercadorias vêm sendo acelerados por um processo

universalizante de diminuição das distâncias, tanto temporais-espaciais, quanto intersocietárias.

As novas tecnologias de comunicação, principalmente as que geram imagens visuais, são apresentadas, freqüentemente, como algo que produz a manipulação e a resistência, bem como a homogeneização e a fragmentação da cultura contemporânea e uma maior densidade de intercâmbios. As imagens vêm sendo encaradas como parte necessária no processo de formação de uma sociedade, sobretudo em virtude de sua capacidade de alcançar um maior número de pessoas. Participando ativamente desse momento, a Fotografia vem se estabelecendo como disseminadora de mensagens que promovem um conhecimento comum e uma maior divulgação dos fatos, inclusive, o de fortalecimento do discurso dos grupos dominantes, permitindo que as culturas locais/regionais sejam influenciadas por outras culturas a partir do estabelecimento do padrão de conduta.

Aristóteles entendia as imagens como coisas sensíveis, só que sem matéria, como produto da imaginação, sensação, ou percepção, de quem as recebe, ou ainda, como o caráter ou a origem sensível das idéias ou representações de que o homem dispõe. Já Santo Agostinho dizia: “As imagens são originadas por coisas corpóreas e por meio das sensações: estas, uma vez recebidas, podem ser facilmente lembradas, distinguidas, multiplicadas, reduzidas, ampliadas, organizadas, invertidas, recompostas, do modo que mais agrada ao pensamento” (ABBAGNANO, 1998: 537).

A retórica medieval definia a imagem como “*aliquid stat pro aliquo*”, algo que está em lugar de uma outra coisa, ou algo que pode ser fabricado. Para os gregos, a ‘idéia’, ou a ‘imagem mental’ (*eidós*), é distinta da ‘imagem real’, ou da ‘representação’ (*ikonos*), porém o conceito de imagem também foi concebido a partir de sua origem latina *imitare* (imitar). Surge daí a relação da imagem com a *mimesis* (a imitação), ou a *diegesis* (o relato), ou seja, imagem é reprodução, reflexo, analogia, ícone, e pode expressar alguma correspondência com a realidade que ela supostamente reflete, reproduz, imita. No livro sexto da República, Platão (PLATÃO, 1949:1) define a imagem como “... primeiramente, [as] sombras, depois, [os] reflexos que se vêem nas águas ou na superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes, e a todas as representações semelhantes”.

A noção de imagem também foi adotada como algo utilizado para representar alguma coisa na sua ausência. Podemos, também, falar da existência de uma realidade que a imagem reproduz, ou seja, a imagem como reflexo da realidade. É desta relação de imagem e realidade que nasce sua característica quase mágica que permite representar um objeto e sua ausência, simultaneamente, e assim, podemos dizer que imagem é uma seleção da realidade que pode excluir qualquer representação da realidade (uma pintura não figurativa, por exemplo); uma seleção dos elementos representativos; uma relação de passividade com a realidade, quando ela se limita apenas a reproduzir a realidade.

Algumas das noções de imagem levantadas anteriormente expressam, de certa forma, uma visão estática do processo de significação da imagem, entendendo-a apenas como registro. Neste estudo, tratamos a imagem não como uma simples imitação dos objetos, mas como a representação subjetiva dos objetos que integram a realidade. Aqui, relacionamos a imagem com o seu potencial de representação ativo e produtivo em mais de um sentido, onde a representação, além de produzir objetos de que fala, produz sujeitos. A representação estaria, assim, inserida nos aspectos de construção e produção das práticas de significação da realidade e de mobilização de um repertório de recursos semióticos, retóricos e estilísticos.

A formação da imagem baseada na representação social da realidade de uma sociedade tem como objeto referencial fatos, pessoas, coisas ou sentimentos que permaneceram na memória e no imaginário dos indivíduos. É na representação que observamos o quanto a realidade desta sociedade, expressa a partir da linguagem falada e visual, é formada por signos, significados simbólicos e imagens fragmentadas. Essa representação é um processo de reprodução que é, posteriormente, impresso e distinto do objeto existente. Neste sentido, a imagem reproduzida independe da presença física do objeto correspondente, porque indica a 'semelhança ou sinal das coisas' que se buscava representar, ou seja, a fotografia é a imagem por excelência.

Linguagem Fotográfica

Discutir a representação da realidade a partir da imagem fotográfica nos leva a questionar: se a imagem é real e faz parte da realidade? O que é real e o que é realidade nesta sociedade amparada pelo visual? Se as imagens que representam a realidade dos indivíduos de uma sociedade transmitem o real? Como verificar a força da construção do discurso da realidade a partir da imagem fotográfica?

Real é aquele objeto palpável e materializado sobre o qual não há dúvidas acerca de sua existência. Já realidade, depende de uma interpretação individual ou coletiva que pode ser modificada, moldada e simulada. A representação da realidade acontece quando se dá uma nova visualização ao que já existe e ao que não existe. Se a imagem mental é algo que é produzido pela mente humana, seria apenas um caso de simulação? A representação da realidade em imagem seria apenas uma representação do que realmente existe ao nosso redor?

Voltemos à época de surgimento da fotografia em 1822. Ao permitir ao homem captar e registrar imagens do cotidiano, a fotografia deu início a uma revolução do olhar, e assim, a um novo código visual, estipulando o que deveria ser olhado e, conseqüentemente, a uma nova ética visual, uma nova leitura do mundo e da realidade ao seu redor. Naquela época a fotografia era entendida como a mimesis, ou seja, a semelhança e equivalência entre o referente e aquilo que estava gravado no suporte fotográfico. A imagem fotográfica, no entanto, deixou de ser apenas considerada como um ícone, semelhante ao objeto, e passou a ser:

"(...) resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções signílicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem" (MAUAD, 1999: 4-21).

Neste momento, os fotógrafos eram colocados diante de duas atitudes básicas: uma, optar pela realidade - reproduzir objetos, fatos e pessoas que existem, de fato, no mundo físico, objetivando a captura do real ou o mimetismo nas imagens; a outra, optar pela ficção através da manipulação de imagens sem o intuito de atingir o real (Barthes, 1984). Nas novas tendências, a fotografia artística, aliada a artifícios de lentes do fotógrafo e dos recursos tecnológicos com recursos gráficos, plásticos e conceituais, permite a livre interpretação da realidade e do cotidiano. A imagem deixou de ser um registro puro e simples, o que

proporcionou aos fotógrafos libertarem-se do 'realismo' e apresentar a foto sob um novo prisma e distorcida do real.

Estas mudanças vêm ocorrendo com a introdução da eletrônica e da informática, que permitem ao fotógrafo fundir recursos de composição, mistura, sobreposição e empilhamento de procedimentos diversos, sejam eles antigos ou modernos, sofisticados ou elementares, tecnológicos ou artesanais, com as fontes mais variadas como cinema, desenho, vídeo ou texto.

"Esta capacidade de 'metamorfose' tem tornado as imagens fluidas, liquefeitas, iridescentes e infinitamente manipuláveis [...] O efeito de real não se dá nelas com a mesma transferência e inocência com que ocorria na fotografia convencional ou no cinema clássico. Isso não quer dizer que as imagens contemporâneas sejam diferentes à realidade, mas que o acesso a esta última é agora mais complexo, menos inocente e decorre de uma capacidade de 'leitura' por parte do receptor. O audiovisual impõe-se hoje menos pelo seu poder de sugerir 'realismo' ou competência mimética do que pela sua eloquência gráfica, plástica, conceitual ou se quiserem, 'escritural'. Ele pressupõe uma arte da relação, do sentido, e não simplesmente do olhar ou da ilusão" (MACHADO, 1997: 5).

As grandes mudanças trazidas pelo uso da imagem vêm tornando as sociedades atuais diferentes das sociedades do passado porque, segundo Philippe Dubois, as atuais, ao consumirem mais imagens e não crenças vivem em torno de simulacros. Porém ele não deixa de conferir à fotografia seu certificado de prova, que atesta a existência daquilo que mostra.

"Em toda reflexão sobre um meio qualquer de expressão deve se colocar a questão fundamental da relação específica existente entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio. Trata-se das questões dos modos de representação do real ou, se quisermos, da questão do realismo. (...) Existe uma espécie de consenso de princípio que pretende que o verdadeiro documento fotográfico 'presta contas do mundo com fidelidade'. Foi-lhe atribuída uma credibilidade, um peso de real bem singular". (DUBOIS, 1994: 25).

Ao ler uma imagem, é necessário observar que além do aspecto objetivo, do domínio da técnica e do equipamento, existe um componente subjetivo que depende da vivência, da percepção e da sensibilidade do autor. Quando as pessoas se empenham em entender e dar sentido ao mundo, elas o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. Portanto, não se busca mais na imagem fotográfica a coisa propriamente dita, mas a sua representação conceitual. Os valores culturais agregados ao sentido de ritmo e da relação entre formas e significados é o que vai reforçar a expressão do conteúdo de uma fotografia.

O conhecimento dos elementos da linguagem fotográfica que é adquirido a partir de uma base técnica da realização da fotografia possibilita, uma maior compreensão da capacidade narrativa e do conteúdo dramático contido em cada foto. O que irá reforçar o conteúdo da imagem fotográfica é a disposição dos elementos para a composição do campo visual. No entanto, para a efetiva compreensão desta mensagem, o espectador irá buscar em

sua bagagem (memória visual), e na sua concepção de mundo elementos de equivalência para chegar a uma dada interpretação.

“A fotografia reforça uma visão nominalista da realidade social como integrando pequenas unidades em número aparentemente infinito, já que o número de fotografias que se pode tirar de qualquer coisa é ilimitado. Qualquer fotografia tem uma multiplicidade de sentidos; Ver algo sob a forma de fotografia é deparar com um potencial objeto de fascinação. O extremo ensinamento da imagem fotográfica é poder dizer: 'Aqui está a superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência.' As fotografias, que por si só nada podem explicar, são inesgotáveis convites à dedução, especulação e fantasia” (SONTAG, 1986: 30).

A fotografia é, portanto, uma combinação de luzes, penumbras e sombras que, em frações de segundos, se transforma num elemento visível e interpretável. Protagonista de incontáveis feitos científicos, artísticos, religiosos, psicológicos e afetivos do homem, é utilizada para captar, emocional, documental e plasticamente, a rotina de sociedades de origens e histórias diversas.

Aliada à tecnologia, vem permitindo aos fotógrafos registrarem o modo de viver (costumes, rituais, estímulos culturais e simbólicos), de pensar (filosofia), de sentir e de agir do homem, e de tudo o que está ao seu redor. Os fatos, a natureza em geral, e os personagens que servem como objeto de inspiração são captados pelo fotógrafo que expõe sua interpretação visual do mundo. Mesmo sendo a fotografia e seus métodos basicamente iguais, ao fotógrafo é permitido que se expresse numa linguagem própria e num estilo pessoal que se expõem através dos instintos e da experimentação de novas técnicas. Os estados de alma e as reações diante da vida características de cada fotógrafo refletem-se na maneira e na capacidade de interpretação e revelação de suas fotografias.

As luzes, cores e formas, e até a realidade são impressas na imagem, mas as sensações, os sentimentos, só estarão presentes se o fotógrafo está apto a expressar algo além do que vê. Portanto, a foto procura expressar não apenas o objeto fotografado, mas também a cultura e estilo de vida de quem opera a câmara. Captar a natureza deste olhar que registra e procurar desvendar, através dessas imagens, um pouco do elemento representado, faz parte do trabalho de materialização ou de visualização do fotógrafo. Este deve possuir um domínio da compreensão de uma linguagem que vai além do ato de registrar o que vê. Ele domina uma linguagem de olhares, de gestos, de ações, de emoção, de sentidos.

Para que este objetivo seja alcançado não basta ter em mãos uma câmera e filme, é necessário que o indivíduo seja estimulado a perceber suas próprias emoções. Por isso é necessário a utilização de uma técnica que proporcione a sensibilização daqueles que irão retratar a realidade de sua comunidade e, portanto, o conceito de Equivalência será adotado para este propósito.

Para realizar uma análise de imagem com o intuito de identificar seu significado dentro da representação social precisamos estar atentos às várias condições que permitem à imagem representar um objeto. Estas condições passam pelos significados da imagem, pela representação visual e pelo nível de percepção das imagens por parte dos indivíduos da comunidade. Passa ainda, pelas intenções do autor, pela semelhança ou equivalência com o

sentimento ou referente, pela própria construção do objeto de representação e enfim, pela interpretação do espectador. A análise das imagens não deve ser feita através da verificação de uma condição apenas, pois todas são importantes para responder com clareza sobre o modo de representação das imagens.

Antes mesmo de realizar o processo de análise das imagens é imprescindível atentar para os vários sentidos que uma foto é capaz de proporcionar. Estas múltiplas leituras, que denominamos de caráter polissêmico da imagem, não significam que a foto possua vários "sentidos", e sim que seu sentido explícito cria classes de correspondências que permitem múltiplas interpretações. Esta capacidade que a imagem tem de possuir vários significados nasce da relação existente entre a imagem, o objeto e o observador.

Por possuir uma condição de semelhança com o seu referente, a imagem adquire uma relação com o objeto de sua representação através dos diversos sentidos incorporados. Neste estudo optamos por abordar a imagem num plano da representação (o que ela mostra), num plano de conteúdo (o que ela significa), e num plano do significante (a realidade exterior a que ela faz referência). Ou seja, procuramos identificar qual a semelhança e ou diferença com a realidade exterior que a imagem remete.

Com isso, procuramos o sentido, a interpretação que determinado grupo ou indivíduo apresenta para determinado objeto da sua realidade. A fotografia, assim, não retrata a realidade tal qual ela aconteceu. Ela é uma interpretação de determinado recorte do passado, de um relato sentimental dos indivíduos e fruto das representações de determinado indivíduo ou grupo.

Conceito de Equivalência

Para o conceito de Equivalência a emoção deve ser exercitada e estimulada em qualquer ato fotográfico, pois ela é a chave para a expressão do indivíduo. É neste sentido que procuramos estimular a força da linguagem fotográfica e de seu potencial como instrumento de comunicação na sociedade atual tomando como base para esse estudo o conceito de Equivalência, que associa a imagem fotográfica a uma metáfora.

A idéia de criação de imagens a partir do conceito de Equivalência nasceu de Alfred Stieglitz nos primeiros anos da década de 20, tendo sido também adotada por membros da Photo-Secession em Nova York. Posteriormente, mais difundido por Minor White, este conceito começou a ser entendido pelo processo de criação de imagens fotográficas a partir de sua equivalência com as emoções que estão armazenadas nas recordações afetivas, nos sentimentos e nas vivências de cada indivíduo. Portanto, a fotografia no conceito da Equivalência, é usada como fonte de estímulo e de expressão e não apenas como fato documental. Minor White procurou explicar a criação-expressão da imagem fotográfica a partir de níveis de Equivalência.

A fotografia expressa um certo grau de Equivalência quando o espectador vê na imagem algo correspondente a uma sensação de seu interior, ou seja, os sentimentos do fotógrafo são similares ao do seu espectador, criando assim, um sentimento conhecido, uma Equivalência de sensações e estímulos.

"O poder do equivalente, no que concerne ao fotógrafo criativo-expressivo, pode transmitir e evocar sentimentos acerca das coisas, situações e eventos que por

uma razão ou outra não podem ser fotografados. O segredo está na possibilidade de utilizar as formas e superfícies dos objetos frente a câmera em suas qualidades expressivo-evocativas (WHITE, 1984b:212)."

A partir das experiências de Minor White, a Professora Nerivanha Bezerra, da Universidade Federal de Pernambuco, desenvolveu uma metodologia para o ensino da fotografia. Neste estudo, a Professora adaptou o conceito de Equivalência em níveis como paradigma para a criação de imagens fotográficas para alunos de graduação do Curso de Comunicação Social desta Universidade.

Esta metodologia da Equivalência, assim como foi capaz de estimular alunos a produzirem imagens com alta carga de emoção e sensibilidade, permitirá que os indivíduos das comunidades sejam capazes de representar imagens equivalentes ao discurso sobre a realidade. Na nossa pesquisa utilizamos a Equivalência como método estimulador dos processos de reflexão sobre a realidade e histórias pessoais dos indivíduos da comunidade de Mandacaru; e de criação da imagem e expressão da representação social; e de leitura e interpretação do conteúdo da imagem fotográfica. Aplicamos o conceito de Equivalência neste estudo seguindo os seguintes níveis:

1. Percepção da realidade – Estimular nos indivíduos pesquisados a observação e reflexão acerca da realidade, e a exposição, através do discurso oral, de sua visão sobre ela;
2. Representação Social a partir das recordações afetivas ou emocionais - Estimular o processo de criação e produção de fotografias equivalentes às histórias de vida e recordações afetivas desencadeadas pelo discurso individual;
3. Percepção do Público - Estimular nos espectadores a observação e a leitura da representação social expressa em imagem fotográfica, buscando a interpretação metafórica e equivalente dos discursos sobre a realidade dos indivíduos.

Metodologia

Tivemos a preocupação de trazer elementos da pesquisa empírica e procuramos abordar, na comunidade de Mandacaru, os aspectos relevantes à construção de sua realidade social, detalhando os procedimentos e passos metodológicos. Apresentamos, em etapas, o processo de criação da imagem a partir da adaptação dos três Níveis do Conceito de Equivalência. Estas etapas foram aqui resumidas no quadro a seguir:

	ETAPA 1	ETAPA 2	ETAPA 3	ETAPA 4	ETAPA 5
	LEVANTAMENTO	REFLEXÃO NÍVEL 1	CONSTRUÇÃO DA IMAGEM NÍVEL 2	BUSCA DA INTERPRETAÇÃO NÍVEL 3	RESULTADO
OBJETIVO	Identificar o contexto sócio-cultural e a natureza - práticas específicas, redes de interação, comunicação de massa acessível- da representação social entre os indivíduos da comunidade de Mandacaru	1. Estimular os indivíduos da comunidade a refletirem sobre a sua realidade 2. Identificar e sintetizar os sentimentos mais expressivos em cada discurso.	1. Direcionar ao discurso com relação aos fatos que mais emocionaram os indivíduos; 2. Estimular a criação de imagens representativas da realidade	1. Verificar se a imagem expressava o significado proposto pelo morador que a realizou 2. Obter diretrizes para especificar a concepção destes indivíduos com relação à sua identificação com as representações expressas na imagem	Avaliar se a representação social expressa na fotografia era interpretada e comunicada e interpretada por outros membros da comunidade
MÉTODO	Durante o período de junho de 1999 a maio de 2001 foi realizada coleta de dados sobre o relato sócio-econômico da população a partir de questionário semi-aberto a 47 representantes da comunidade com idade entre os 9 e 92 anos	1. Entrevistas semi-estruturadas, gravadas, escritas e depois transcritas com 21 moradores de cada faixa-etária. 2. Análise de discurso ou de conteúdo, de forma quantitativa e qualitativa. A análise se constituiu da identificação de eixos semânticos.	1. Seleção de 2 ou mais representantes de cada faixa-etária num total de 13 pessoas. 2. Solicitamos às 13 pessoas que analisaram seus relatos que representassem através da fotografia a imagem equivalente ao sentimento ressaltado em seu discurso.	1. Das 216 fotos foram selecionadas de 3 a 5 de cada participante que no final totalizaram 43 fotos 2. Entrevista com 24 pessoas que compareceram à exposição para realizar uma breve análise das fotos.	1. Quantificação o dos dados a partir do Epi Info
FASES	Histórico-Bibliográfico Questionário	2.1 Entrevista (Discursos) 2.2 Análise dos discursos	3.1. Identificação 3.2 Registro	4.1. Seleção 4.2. Exposição 4.3. Análise	5.1 Análise dos dados
PERGUNTAS		1. Como é sua vida em Mandacaru? 2. Fale sobre um fato que foi marcante para você, pode ser uma recordação boa ou ruim, lembranças, situação de vida. Descreva visualmente onde estava, qual o tempo e a situação.	Se você tivesse que descrever um sentimento sobre aquilo que foi contado, que sentimento seria? Que sentimento você percebe? 2. Como você transformaria o momento relatado em foto? Se tivesse que ver isto numa imagem, qual seria?	1. Qual a foto que mais se relaciona ou tem a ver com a sua realidade? ou, 2. Qual a foto que mais lhe emociona, com a qual você mais se identifica? Por que?	

Resultados

Realizamos uma análise dos discursos dos indivíduos pesquisados a partir dos níveis de equivalência encontrados. Posteriormente, com base nas teorias abordadas, analisamos os resultados e suas relações com as hipóteses levantadas.

Os indivíduos ressaltaram com maior ênfase fatores positivos da realidade local a tranquilidade ou a calma (76,2%) e a segurança (57,1%), características muito comuns em algumas comunidades rurais. Em sua grande maioria os moradores faziam questão de frisar que apesar das deficiências Mandacaru é um bom local de se viver porque eles se sentem integrados como uma comunidade.

52% dos entrevistados eram enfáticos em relação a alguma insatisfação com a realidade local, frisada pelo abandono, pelo atraso, e pela falta de expectativas educacionais, profissionais e de lazer. 61,9% dos entrevistados frisaram que a falta de oportunidades de educação, de trabalho e de perspectivas incentivam a migração para os grandes pólos urbanos e ocasionam o quase abandono da vila, e conseqüentemente a uma desagregação familiar.

Ao questionarmos sobre os fatos que mais haviam marcado estes indivíduos, 52,6% relataram histórias como a perda de familiares ou companheiros ocasionada por morte ou por separação. Esta perda irá influenciar a concepção que cada um terá sobre a sua realidade. Ou seja, as histórias sobre perdas, saudades, separações, amores fazem parte do cotidiano dos indivíduos e é este cotidiano que eles querem entender, participar das histórias para poder tomar parte no mundo.

E questionados sobre que sentimentos que eles relacionavam aos fatos contados, 68,4% enfatizaram a saudade de um familiar ou companheiro, nostalgia e, inclusive, uma saudade de um passado não vivido. Sentimentos de frustração ou impotência relacionados a relações de amor (maternal, paternal, filial, conjugal, etc.) e paixão estavam presentes em cerca de 26,3% dos relatos. Os indivíduos ao realizarem uma análise de sua realidade refletem e falam sobre a insatisfação e a falta de perspectivas econômicas, educacionais e sociais, mas a ênfase principal é dada aos fatos relacionados às suas vidas e aos problemas ou soluções do meio que influenciam suas vidas.

Após nossos estudos observamos que os indivíduos conseguiram produzir as imagens propostas ou passadas por eles pela expressividade e pela qualidade técnica da maioria dos registros fotográficos (ver imagens na página 15). Dos 14 indivíduos que participaram desta etapa, oito (57,1%) produziram e fizeram uma representação fotográfica dos fatos relatados.

Identificamos que, no geral, ao analisar uma imagem cerca de 71,4% dos entrevistados realizavam algum tipo de reflexão sobre a realidade de vida da comunidade e 60% das pessoas faziam referência às lembranças do próprio passado. Foi observado que 88,6% das pessoas ao verem as imagens faziam alguma identificação com as histórias da sua vida ou de pessoas próximas.

Ao fazer o levantamento de como eles relacionavam a imagem às histórias de vida observamos que cerca de 57% das leituras eram realizadas de maneira metafórica. A imagem servia não apenas como elemento referencial, mas também como impulsionador da realização de uma analogia, similaridade, justaposição, identidade, fusão e equivalência de uma história e momento de vida dos indivíduos.

Pudemos observar que 54,3% fizeram algum tipo de relação com o sentimento proposto, porém, apenas 48,6% fizeram a interpretação ou analogia igual ao fato ou sentimento representado pelo autor da imagem. Verificamos também que alguns indivíduos ao ver uma imagem buscavam alguma referência pessoal, ou algum fato ou pessoa que seja semelhante ao que está na foto. O espectador é, portanto, levado a buscar uma metáfora, uma equivalência.

Ao usar uma interpretação metafórica na leitura das imagens, os indivíduos se fundamentam em relações subjetivas para explicar as suas realidades. Houve, portanto uma identificação com a imagem, ou seja, a foto fala à respeito de algo que faz parte da vida dos indivíduos. Há uma busca interior para explicar a expressão e a mensagem da imagem, mesmo que a interpretação não corresponda à mesma do autor da foto. E isto é exatamente o que propõe a representação, pois ela é sempre a referência de alguém sobre alguma coisa.

Apenas 13% mencionaram o fato de reconhecerem alguém ou algum lugar no momento de suas análises e também como elemento de escolha pela imagem. Ao interpretar eles buscavam elementos conhecidos do seu cotidiano, como pessoas, objetos, lugares, ou buscavam algo muito particular que estava retido na memória. Nem todos fizeram referência ao mesmo sentimento, alguns chegaram a se aproximar, porém a grande maioria se identificou com o conteúdo das imagens, pois elas falavam de fatos, coisas, pessoas do dia-a-dia e de momentos da vida de cada um.

Ao desenvolver um processo de observação da realidade os indivíduos de Mandacaru executaram um processo metafórico de interpretação dos objetos da realidade e de representação desta. Já as recordações afetivas ou emocionais levaram os indivíduos a um conhecimento interior e permitiram uma melhor exteriorização dos sentimentos. Como o tema proposto para o registro das imagens se relacionava a algo vivenciado por eles, a representação foi estimulada, e assim conseguiu-se obter verdadeiras imagens de representações sociais da comunidade local.

As várias condições da imagem em representar/mostrar um objeto influenciaram na identificação de seu significado por parte dos indivíduos de Mandacaru. Ao solicitar que os espectadores manifestassem suas sensações sobre a foto verificamos que a interpretação do objeto de representação dependeu principalmente de como o espectador via na imagem algo correspondente a uma sensação de seu interior, e assim buscava um sentimento conhecido, uma equivalência de sensações e estímulos.

Conclusão

No final pudemos verificar que as comunidades rurais possuem uma grande capacidade de operar uma câmera e de usar a imagem fotográfica para expressar a representação social da realidade, desde que orientadas sobre noções básicas de fotografia. E principalmente a imagem fotográfica deve começar a ser usada para a expressão de sentimentos e fatos marcantes na vida dos indivíduos, tornando-se, portanto, uma ferramenta potencial para a expressão da representação social destas comunidades.

A aplicação do conceito de Equivalência nos permitiu motivar os indivíduos a pensar e a criar imagens representativas da realidade de sua comunidade e sobre seus momentos mais marcantes. A equivalência usada como elemento final entre a história oral e a expressão pessoal permitiu a representação social através de uma imagem carregada de sensibilidade e

mensagens que falavam da própria realidade da comunidade. Após este estudo verificamos que este conceito pode ser utilizado por outras comunidades, otimizando o uso da fotografia como recurso de comunicação e como suporte de expressão da representação social. O conceito seria, portanto um facilitador da expressão e da representação da realidade e também um mecanismo capaz de simplificar e organizar o fenômeno de representação social, tornando a realidade inteligível e compreensível para toda a comunidade que, ao usar uma linguagem comum, pode mostrar e disseminar suas condições de vida e de realidade. A fotografia, assim se transformaria em mais uma forma acessível às populações para a expressão e a promoção de sua representação.

Definitivamente os indivíduos conseguiram se representar e se identificarem nas imagens fotográfica, e esta por sua vez é uma linguagem acessível a todos, porque não houve estranhamento, e sim encantamento e entendimento. Isto vem a comprovar que o conceito de equivalência estimula a produção de belas imagens e que os indivíduos foram capazes de usar uma câmera fotográfica com a mesma sensibilidade que um artista usa para produzir sua arte.

O conhecimento interior resultou numa melhor exteriorização dos sentimentos permitindo a criação de metáforas referentes às percepções sobre a realidade em imagens. A observação da realidade, as recordações afetivas ou emocionais estimularam a percepção, a representação e a interpretação da realidade em imagens

Poderíamos concluir também que uma imagem por ser polissêmica é interpretada por diferentes formas, e cada indivíduo dá a sua representação conforme:

- a) Sua história própria de vida e sua cultura
- b) Interpretação a partir da referência ou simbologia dos elementos em foto, por exemplo, a representação de uma família, é concebida como a figura de um homem, de uma mulher e crianças; uma criança simboliza a alegria, o renascer da vida, a juventude, já a velhice sofrimentos passados e morte num futuro próximo.

O desenrolar de nosso trabalho mostrou-nos que a fotografia pode e deve ser encarada não apenas como uma técnica, uma ferramenta de comunicação, mas como uma nova visão, uma forma de permitir que a comunidade se expresse e represente a sua realidade, através de imagens carregadas de sentimentos e emoções, assim como o fazem os grandes mestres.

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. 1998. Dicionário de Filosofia. Tradução Alfredo Bosi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BARTHES, Roland. 1971. Elementos de Semiologia. Tradução Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- BEZERRA, Nerivanha Maria. 1997. Reflejos de la Imagen. Tese (Doutorado em Fotografia) - Facultad de Bellas Artes, Universidad de Barcelona, Barcelona.
- BOURDIEU, Pierre. 1997. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Zahar.
- DUBOIS, Philippe. 1994. O Ato Fotográfico e outros ensaios. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, coleção ofício de arte e forma.
- GUARESHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). 1995. Textos em Representações Sociais 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- JODELET, Denise. 1986. La Representación Social: Fenómenos, Concepto y Teoría. In S. Moscovici. Psicología Social. Barcelona: Paidós. pp. 469-494.

KOSSOY, Boris. 1989. Fotografia e História. São Paulo: Ática.

MACHADO, Arlindo. 1997. In Entenda a sua Época.. Folha de São Paulo. São Paulo: 13 abr. Caderno Mais!

MAUAD, Ana Maria. jul.- dez. 1999. O poder em foco: imagens (..), uma reflexão sobre fotografia e representação social na coleção Pereira Passos. Revista Eletrônica de História do Brasil. Juiz de Fora: UFJF, v. 3, n. 2., pp. 4-21. <http://www.clionet.ufff.br/rehb>

SÁ, Celso Pereira de. 1998. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais - Rio de Janeiro: Ed.URJ.

SONTAG, Susan. 1986. Ensaio sobre Fotografia. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

WHITE, Minor. 1984. El ojo y la mente de la cámara (1952) e 1984. Equivalencia: Tendencia Perpetua (1963). In FONTCUBERTA, Joan. Estética fotográfica: Selección de Textos. Barcelona, Espanha: Blume.

Fotos

Abaixo relação das fotos mais citadas durante a exposição

FOTO	AUTOR	REPRESENTAÇÃO
Mulher acororada	Rosa Maria	Realidade dura e sofrida, tempo passado
Criança na maternidade	Elba	Símbolo da felicidade, renascimento da esperança e do futuro
Candeeiro	Enrique	Tempos dos avós, localidade
Família na frente do cemitério	Sonia Maria	Separação familiar
Mulher ao telefone	Flavia	Tristeza/Acidente dos pais
Agricultor trabalhando	Carmem	Satisfação com a vida na comunidade
Galinha	Carmem	Satisfação com a vida na comunidade
Facão	Pedro	Tragédia/Assassinato do amante da esposa
Menina estudando	Silvia	Frustração por não continuar estudos
Casal namorando	Gabriel	Conquista amorosa



